

Esgrima na escola: possibilidades para o ensino nas aulas de educação física

Fencing at school: possibilities for teaching in physical education classes

Ho Shin Fú, Rafaelle de Araújo Lima e Brito, Marcela Natalia Lima de Figueirêdo, Pedro Henrique Bezerra da Silva, Marcelo Soares Tavares de Melo

Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 26 junho 2022

Revisado: 15 setembro 2022

Aprovado: 19 setembro 2022

PALAVRAS-CHAVE:

Esgrima; Lutas;
Educação Física.

KEYWORDS:

Fencing; Fights;
Physical Education.

PUBLICADO:

10 outubro 2022

RESUMO

OBJETIVO: A pesquisa objetivou analisar as contribuições teórico-metodológicas para o ensino da esgrima nas aulas de Educação Física.

MÉTODOS: Para isto, caracteriza-se pela abordagem qualitativa do tipo pesquisa-participante, em que as técnicas para coleta dos dados foram a observação-participante e a filmagem, e, para a análise, nos subsidiamos da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial por temática.

RESULTADOS: Durante o processo de ensino-aprendizagem, identificamos contribuições teórico-metodológicas no ensino dessa luta, como o desenvolvimento da pesquisa escolar, da construção de materiais, das estratégias e das habilidades motoras.

CONCLUSÃO: Assim, concluímos que tratar desse conteúdo, nas aulas de Educação Física, corrobora uma ampliação nas possibilidades de práticas corporais a serem vivenciadas pelos estudantes, instigando-os na busca por novos conhecimentos.

ABSTRACT

OBJECTIVE: The purpose of this research was to analyze the theoretical and methodological contributions to teaching fencing in Physical Education classes.

METHODS: To this end, it is characterized by a qualitative research-participant approach in which the techniques for data collection were participant observation and filming. And for the analysis, we subsidized the categorical content analysis technique by themes.

RESULTS: Through the teaching-learning process, theoretical-methodological contributions in teaching this sport, such as the development of school research, construction of materials, strategies, and motor skills.

CONCLUSION: Therefore, we conclude that working with this content in Physical Education classes will ensue an expansion in the possibilities of bodily practices to be experienced by students, which, in turn, may imbue in them the desire for new knowledge.

INTRODUÇÃO

As lutas existem, na história da humanidade, desde quando os primeiros homens se viram na necessidade de empregar técnicas de ataque e defesa para garantir a sua própria sobrevivência e, assim, conseguir sua alimentação, proteger seu território, defender-se de animais, entre outros (CORREIA; FRANCHINI, 2010). Rufino (2014), afirma que o termo lutas tende a ser utilizado em diferentes contextos e apropriações, como: a luta pela sobrevivência, a luta por amor, a luta pela terra, a luta entre classes sociais e as lutas como práticas corporais de combate. Sobre esta última, podemos interpretá-la como sendo um conjunto de “disputas corporais, onde os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa” (BRASIL, 2016, p. 176).

Segundo Correia e Franchini (2010), a arte marcial é outro termo comumente utilizado para se referir às lutas. Contudo, é importante ressaltar que a palavra “marcial” faz referência ao Deus romano da guerra Marte e, assim, diferentemente de algumas lutas que foram desenvolvidas com finalidade pedagógica ou como meio de exercitação do corpo e da mente, estas práticas foram enveredadas para fins bélicos.

Na cultura oriental, mais especificamente a japonesa, as artes marciais possuem além da conotação da guerra também o objetivo da preparação espiritual e moral dos seus praticantes, uma vez que estes devem seguir um conjunto de códigos e disciplinas denominado Budô (武道), o caminho marcial (MARTINS; KANESHIRO, 2010).

Ao longo do tempo, as lutas adquiriram diferentes sentidos e significados como a prática religiosa, a preparação para a guerra, o exercício físico, o viés esportivo, entre outras finalidades, a depender do povo, da cultura e do período em que estivessem situadas (FERREIRA, 2006; CORREIA; FRANCHINI, 2010; GOMES et al., 2010).

Atualmente, as lutas têm obtido ampla visibilidade através da mídia, mais especificamente, em séries e filmes de ação, as quais aparecem, previamente, coreografadas e, ainda, pelas transmissões de combates via televisão ou streaming que contribuem para disseminar sua prática entre os diversos públicos. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento responsável por orientar as propostas curriculares da educação básica brasileira, as lutas configuram-se como um dos conhecimentos da Educação Física, estando classificadas como: de contexto comunitário e regional, do Brasil e do mundo (BRASIL, 2016). Ainda neste documento, as lutas também se fazem presentes na unidade temática Esportes, haja vista que uma das suas categorias são os esportes de combate, que por sua vez, reúnem todas as lutas já classificadas como modalidades esportivas.

Diante disso, cabe aos professores orientarem, durante as aulas de Educação Física, as lutas desenvolvidas ao redor do mundo, a fim de possibilitar o conhecimento das diferentes culturas e suas práticas corporais. Logo, reconhecemos a esgrima com uma das lutas mais antigas da história e detentora de um forte viés pedagógico. De acordo com Ribeiro e Campos (2007), a palavra esgrima pode se referir à arte de manejar armas brancas em suas ações

defensivas e ofensivas. Todavia, esse termo tem sido comumente associado ao manejo específico de espadas.

O surgimento dessa prática antecede ao nascimento de Cristo, quando os primeiros ferreiros começaram a dominar a técnica de temperar o metal e, assim, forjaram as primeiras espadas, tornando-as, durante séculos, o principal instrumento bélico das guerras. Porém, com o advento das armas de fogo, as espadas tornaram-se um instrumento alegórico e os combates com a utilização dessas armas adotaram uma conotação majoritariamente esportiva (RIBEIRO; CAMPOS, 2007; PAVANI; GRECO; SOUZA, 2014). Desde então, a esgrima tem se configurado como um esporte de combate, ao possuir regras institucionalizadas, federações e estar presente em eventos midiáticos como os Jogos Olímpicos (desde 1896) e os Jogos Paralímpicos (desde 1960), com a inserção da esgrima em cadeira de rodas. Assim, destacamos a importância de abordá-la nas aulas de Educação Física como um conhecimento significativo para a formação dos estudantes.

Entretanto, o ensino das lutas na escola, incluindo a esgrima, tem esbarrado historicamente em alguns fatores, tais como a falta de espaços e materiais adequados para sua prática, o despreparo dos professores em lidar com esses conteúdos e a baixa quantidade de produções científicas voltadas para debates e reflexões sobre esse tema (CORREIA; FRANCHINI, 2010; MOURA et al., 2019; TERLUK; RUPEL DA ROCHA, 2021). Dessa maneira, ao compreendermos o contexto em que as lutas e a esgrima estão situadas e na intenção de discutir sobre esse tema, propondo algumas alternativas para a sua abordagem na escola, este estudo tem como objetivo analisar as contribuições teórico-metodológicas para o ensino da esgrima nas aulas de Educação Física.

MÉTODOS

A pesquisa toma como embasamento a abordagem qualitativa subsidiada pelo método da hermenêutica-dialética (MINAYO, 2010), e caracterizando-se como bibliográfica com inserção no campo através da pesquisa-participante, em que, segundo Schimidt (2006), configura-se por pesquisador e pesquisados serem sujeitos e objeto do conhecimento.

De acordo com Minayo (2010), uma pesquisa qualitativa constitui-se de três etapas fundamentais interligadas entre si, sendo elas: a fase exploratória, a coleta dos dados e a análise dos dados. Entendendo, ainda, que todas essas fases colaboram para que a coerência e a rigorosidade científica sejam zeladas ao longo do processo.

Na fase exploratória, delimitamos o lócus da pesquisa, que se tratou de uma escola da rede privada do município do Recife, como também a quantidade de participantes do estudo, que contou com 30 estudantes do 6º ano da referida instituição. Ao escolher o lócus e os participantes, levamos em consideração o fato de os pesquisadores também serem docentes da escola investigada e ministrarem aulas para a respectiva turma. Tal escolha também esteve respaldada pelos conteúdos propostos para serem ensinados aos estudantes do 6º ano em documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (PCPE), documento estes que norteiam a prática pedagógica da referida escola.

Na fase da coleta de dados, utilizamos a técnica da observação-participante, por compreendermos que essa escolha “permite que o observador chegue mais perto da vida dos sujeitos, um importante alvo nas abordagens qualitativas, na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 86).

Nessa fase, também adotamos a técnica da filmagem, por proporcionar a captação de momentos que são complexos de serem obtidos por um único pesquisador (PINHEIRO; KAKEHASHI; ANGELO, 2005). Como instrumento de coleta, utilizamos um aparelho smartphone pela sua praticidade e capacidade de armazenamento. Assim, essas técnicas nos possibilitaram identificar aspectos como a coerência das aulas com o planejamento; os conteúdos trabalhados nas aulas; os recursos e espaços utilizados; a interação dos estudantes entre eles e o professor; a avaliação das aulas e as contribuições e dificuldades encontradas no trato com o conteúdo.

Durante a coleta dos dados, enumeramos as falas dos estudantes surgidas no decorrer das aulas, por exemplo: Estudante 01, Estudante 02, Estudante 03 etc. Consequentemente, na intenção de sintetizar as discussões que surgiram durante o processo é que selecionamos apenas as falas que melhor expressavam determinadas situações. Por sua vez, essas falas foram captadas através das filmagens mediante aos questionamentos feitos pelo professor acerca do conteúdo.

Para a análise dos dados coletados, valemo-nos da técnica de análise de conteúdo categorial por temática proposta por Bardin (2011, p. 42), que consiste em um conjunto de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...], que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens”, por acreditarmos na sua coerência com o objeto de estudo. Assim sendo, ressaltamos que as mensagens encontradas foram organizadas sob o formato de categorias e unidades para a criação de blocos temáticos que, por sua vez, foram identificadas a partir de palavras-chave. Durante a pesquisa no campo, identificamos a seguinte categoria empírica: Esgrima, sobre a qual nos debruçamos nesse estudo e, a partir dela, encontramos as seguintes unidades de contexto e registro (Quadro 1).

Quadro 1. Categoria empírica e unidades de contexto e registro.

Categoria Empírica: Esgrima	
Unidade de Contexto	Unidade de Registro
Experiências com a esgrima	Violência nas lutas
	Construção
	Questões de gênero
	Diversão
	Avaliação

Ressaltamos que todos os cuidados éticos foram tomados, ao validarmos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos participantes da pesquisa. No caso dos estudantes, esse documento foi enviado aos seus responsáveis para a devida leitura e consequente assinatura. Informamos, ainda, que a pesquisa ocorreu no período de outubro a novembro no ano de 2020.

O conteúdo da esgrima foi planejado para ser trabalhado junto aos estudantes de modo que fossem capazes de se apropriar desse conhecimento sem colocar em risco a integridade física dos participantes. Assim, destacamos que o conteúdo foi subdividido em quatro aulas, conforme podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2. Conteúdo programático das aulas ministradas.

Aulas	Objetivo	Conteúdo	Atividades
1	Conhecer a história, as principais regras e a classificação da esgrima enquanto luta.	Esgrima – História, Regras e Classificação	- Aula expositiva (utilizando projetor e material em slide previamente produzido pelo professor).
2	Vivenciar a construção dos materiais (espadas) necessários para a esgrima.	Construção dos materiais (espadas)	- Individualmente cada estudante constrói a sua espada, utilizando cartolina, cola e fita adesiva.
3	Vivenciar as principais técnicas (defensivas e ofensivas) da esgrima.	Técnicas da esgrima	- Em dupla, os estudantes vivenciam as seguintes técnicas (Guarda, Marcha, Afundo, Parada e Resposta).
4	Vivenciar as disputas da esgrima em formato de festival.	Festival de esgrima	- Uma mini-competição entre os estudantes (todos contra todos). - Material utilizado (bexigas infláveis).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante salientar que todo o processo de ensino-aprendizagem, envolvendo o conteúdo da esgrima, não teve como principal objetivo o aperfeiçoamento técnico dos estudantes, mas a possibilidade de conhecerem e vivenciarem as experiências enriquecedoras proporcionadas pela sua prática.

Sendo assim, apresentamos aos estudantes o conteúdo da esgrima, quando questionamos sobre o que conheciam acerca dessa luta. Prontamente, o coletivo proferiu uma série de respostas, afirmando conhecer a sua prática através de filmes, livros e pela televisão devido à transmissão de eventos como os Jogos Olímpicos.

Claro que a gente conhece a esgrima professor, a gente vê direto em filmes que tem luta como Star Wars, As Crônicas de Nárnia, entre outros (ESTUDANTE 01).

A esgrima também está presente em livros, tipo Os Três Mosqueteiros que é o meu livro preferido (ESTUDANTE 02).

Eu já vi a esgrima nas olimpíadas também, que é uma luta onde os lutadores usam uma espada e capacete (ESTUDANTE 03).

Esse resgate histórico associado à realidade dos estudantes parte do princípio de que esses se configuram como sujeitos críticos, históricos e reconhecedores do seu próprio contexto sociocultural (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Nesse direcionamento, o professor pode, após esse resgate, problematizar com os estudantes e, em seguida, ampliar suas percepções para o conteúdo a ser vivenciado nas aulas.

Inicialmente, alguns estudantes relataram certa insegurança com o conteúdo da esgrima por associar o conhecimento das lutas à violência. Assim, identificamos a unidade de registro “violência nas lutas”, tendo em vista que as falas do coletivo evidenciaram o paradigma da violência dentro desse conteúdo.

Professor, como vamos praticar a esgrima? Vamos usar o capacete e a roupa especial para nos protegermos? (ESTUDANTE 05).

Isso mesmo, nas lutas de esgrima os lutadores usam um monte de proteção pra não se machucarem com a espada, a gente tem que usar também pra não se machucar (ESTUDANTE 08).

Esse paradigma ainda se encontra presente na escola devido à crença de que as lutas serão ensinadas a partir de um viés competitivo, geralmente presente em academias especializadas (BREDA et al., 2010; RUFINO; DARIDO, 2012; PEREIRA et al., 2017).

Outro fator que contribui para a perpetuação desse paradigma é a incompreensão conceitual e prática dos termos lutar e brigar dentro do contexto social, tendo em vista que o primeiro termo é comumente relacionado às práticas regidas por regras oficiais, com vestimentas e local de prática específicos (GOMES et al., 2010), enquanto que as brigas não possuem regras e podem acontecer em qualquer lugar, com vários oponentes ao mesmo tempo e, muitas vezes, ocasionando sérias lesões e até o óbito intencional de algum envolvido.

Mediante a tal constatação, os estudantes foram informados que durante as aulas de Educação Física, envolvendo o conteúdo esgrima, todos os cuidados e precauções seriam tomados no intuito de preservar a integridade física de todos os participantes. Eles também foram sensibilizados a respeito das diferenças entre as lutas e as brigas e sobre as diferenças entre o trato das lutas como conhecimento na escola e como esporte de alto rendimento. Em seguida, o professor apresentou, sob o formato de aula expositiva, a história da esgrima e seu desenvolvimento ao longo do tempo. Além disto, também apresentamos aos estudantes algumas das principais regras dessa luta.

Para Gomes et al. (2010, p. 215), as lutas “dependem das regras para sua legitimidade e devem ser respeitadas para que aconteça um combate. O que é permitido ou proibido tende a determinar as técnicas e táticas usadas pelos lutadores”. Logo, as regras na esgrima irão definir a arma utilizada, as áreas do oponente a serem atingidas, entre outros elementos que também ajudam a caracterizá-la como um esporte de combate.

Vale dizer que a esgrima começou a ganhar contornos de esporte¹ quando as espadas perderam o seu propósito bélico e sua prática foi, conseqüentemente, direcionada para a preparação física e mental dos seus praticantes (RIBEIRO; CAMPOS, 2007). Posteriormente, a esgrima se firmou como uma modalidade esportiva a partir da criação da Federação Internacional de Esgrima (FIE), em 1913, instituição responsável pela organização dos campeonatos mundiais e definição das suas regras.

A Esgrima, enquanto esporte, ganhou forças influenciada pelo refinamento da espada, criando um novo armamento mais leve, fino e ágil: o florete. Além disso, ao mesmo tempo, foi concebida uma indumentária de projeção, a máscara, como também houve a limitação de regras quanto ao contato das armas em algumas partes do corpo (PAVANI; GRECO; SOUZA, 2014, p. 19).

Segundo Ribeiro e Campos (2007), as primeiras escolas de esgrima surgiram na França por volta do século XVII. As-

¹ Apesar do termo “luta de esgrima” estar intrínseco em nossa sociedade, percebe-se que no universo esportivo os esgrimistas costumam utilizar a expressão “jogo de esgrima”.

sim, é notável a influência da cultura francesa nessa luta, principalmente na utilização de termos como *em garde* (em guarda), *allé* (vai/seguir) e *touché* (tocar) durante o processo de ensino-aprendizagem.

Na França [...], para evitar ferimentos nos olhos, durante os treinos, nasceram as convenções de esgrima. Dois esgrimistas, por exemplo, não podiam atacar simultaneamente, isto é, se um deles atacasse, era necessário que o atacado se defendesse para poder atacar depois (RIBEIRO; CAMPOS, 2007, p. 67).

Atualmente, as armas utilizadas na esgrima são, respectivamente, a espada, o sabre e o florete, cada uma possuindo uma pontuação específica. A espada pode tocar com a ponta qualquer parte do corpo do adversário para marcar pontos. Por sua vez, o sabre também pode tocar o adversário em qualquer parte do corpo, utilizando, porém, além da ponta, a lateral da lâmina. Por último, o florete só pode tocar o tronco do adversário com a ponta (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ESGRIMA, 2021).

Nas aulas, explicamos, também, a classificação da esgrima subsidiada pelos estudos de Gomes et al. (2010), que se baseiam nas situações e distâncias presentes nas lutas para classificá-las em: 1) curta distância, que tem como objetivo desequilibrar, controlar, projetar ou excluir o oponente; 2) média distância, cujo objetivo é tocar/aceratar o oponente através de técnicas que utilizam os membros superiores ou inferiores do corpo; 3) longa distância, em que o objetivo é tocar/aceratar o oponente com o uso de um implemento.

Assim sendo, entendemos que pelo fato de a esgrima envolver a utilização de um implemento – que, nesse caso, pode se tratar da espada, do sabre ou do florete – é que se caracteriza como uma luta de longa distância em razão do esgrimista só poder marcar pontos no decorrer da disputa através da sua perícia com um desses implementos.

Uma vez tomada ciência de um momento da história, das regras e da classificação dessa luta, ressaltamos que os estudantes demonstraram demasiada curiosidade pela sua vivência nas aulas de Educação Física. Contudo, o coletivo foi prontamente informado de que a escola não detinha o material necessário (espadas) para a prática da esgrima.

Diante disso, os estudantes foram problematizados a construir suas próprias espadas na aula, pois essa ação parte do entendimento de que o professor pode explorar a confecção “de materiais alternativos, porém não substitutivos aos equipamentos oficiais, explorando, assim, bastões, cordas, jornais, elásticos, sombrinhas, toalhas, lençóis, caixas, travesseiros, paredes, fitas etc.” (BRASILEIRO; MARCASSA, 2008, p. 205).

Essa iniciativa por parte do professor evidenciou a unidade de registro “construção”, haja vista que segundo Carvalho, Barcelos e Martins (2020), a construção de materiais, nas aulas, contribui para que, na ausência do equipamento apropriado, o docente consiga dar continuidade ao conteúdo sem prejudicar a formação dos estudantes, tendo em vista que historicamente a falta de equipamentos (bolas, cones etc.) e ambientes (quadras) propícios para a prática têm sido uma das maiores problemáticas nas aulas de Educação Física.

Para isso, o coletivo também foi incentivado a desen-

volver uma pesquisa escolar, que consiste na busca do conhecimento por meio da consulta de livros, revistas, trabalhos feitos em sala de aula e da internet e de pessoas como familiares e amigos (MELO, 2003).

Durante o processo de construção, cada estudante utilizou materiais como cartolinas, fitas adesivas e colas de papel para a confecção das suas espadas. Além disso, eles também foram instigados a relatarem suas impressões sobre a construção.

Eu achei muito legal a aula, a gente pôde construir as nossas próprias espadas para poder usar depois (ESTUDANTE 01).

Essa iniciativa foi muito boa professor, pois como a gente não tem espada de verdade aqui na escola, a gente vai poder praticar esgrima com as espadas que construímos (ESTUDANTE 04).

Sem falar, que quando a gente usar as espadas de papel na aula ninguém vai se machucar (ESTUDANTE 06).

Após a construção das espadas, os estudantes tomaram conhecimento das principais técnicas da esgrima, pois conforme Rodrigues e Darido (2008), as técnicas são movimentos construídos historicamente que devem ser ensinados aos estudantes durante o processo de aprendizagem de alguma modalidade. Assim, montamos um quadro descrevendo as principais técnicas da esgrima no intuito de ampliar a compreensão dos discentes (Quadro 3).

Quadro 3. Principais técnicas da esgrima.

Fundamento	Descrição
Guarda	Posição na qual o esgrimista está igualmente pronto para o ataque e para a defesa.
Marcha	Envolve as ações de avançar e recuar no intuito de manter a distância do oponente.
Afundo	É o principal deslocamento para a execução do ataque. Sendo o mais utilizado, devido a sua eficácia.
Estocada	A estocada é um movimento utilizado para tocar o oponente, que consiste na junção da marcha e do afundo.
Parada e Resposta	A parada e a resposta são ações interligadas, visto que a primeira envolve uma ação defensiva e a segunda engloba uma ação ofensiva. Também pode ser interpretado como defesa e contra-ataque.

Fonte: adaptado de Pavani, Greco e Souza (2014).

Sobre as formas de ensino das lutas, compreendemos que durante muito tempo os professores dessas práticas corporais pautavam-se em métodos de ensino centrados na repetição dos gestos técnicos realizados de forma exaustiva e separadamente (BREDA et al., 2010; RUFINO; DARIDO, 2012; PEREIRA et al., 2017).

Essas formas de ensino, conseqüentemente, tendem a desestimular o estudante durante o processo de ensino-aprendizagem das lutas, levando-os a criar uma determinada resistência em relação a esse conhecimento. Com isso, uma possibilidade de ensinar as lutas, nas aulas de Educação Física, seria através da forma randômica, como pode ser constatado a seguir.

É possível considerar que a prática randômica seria a realização de diversos movimentos feitos de forma variada, como por exemplo, ao invés de repetir o mesmo soco no "karatê" durante vários minutos, os alunos poderiam realizar um soco, depois um chute, outra variedade de soco, um salto, uma defesa, outro chute, e assim por diante (RUFINO; DARIDO, 2012, p. 294).

Diante disso, entendemos que ensinar as técnicas da esgrima, de forma randômica, contribui para que os participantes tenham uma maior percepção em relação à sua prática, vivenciando-a de modo mais dinâmico e menos automatizado.

Assim, durante o ensino das técnicas, o professor solicitou que os estudantes se posicionassem pela quadra formando duplas, com cada um portando a sua própria espada produzida anteriormente. Destarte, lhes foi ensinada a posição de guarda; em seguida, a marcha; mais adiante, o afundo; posteriormente, a estocada; e, por fim, a parada e a resposta. Salientando ainda que essa sequência teve como propósito respeitar as etapas de aprendizagem de cada estudante dentro da lógica interna da esgrima.

Segundo Pereira et al. (2017, p. 340), ao ensinar as lutas no ambiente escolar, o docente também pode "propor situações-problema que enriqueçam as vivências motoras e cognitivas do educando, de modo a haver a sistematização de um conteúdo comprometido com uma prática pedagógica autêntica e eficaz".

Dessa maneira, após a compreensão das técnicas, por parte dos estudantes, ocorreu a problematização da segunda atividade da aula que consistia num "jogo de esgrima". Nessa atividade, o professor demarcou o chão da quadra com giz de cera, formando dez estações onde cada dupla iria se posicionar para, em seguida, defrontar-se. Durante a disputa, seria sagrado vencedor aquele que acertasse o adversário na região do tronco primeiro. Após a vitória, deveria ocorrer a troca entre os oponentes, a fim de oportunizar que todos os estudantes duelassem entre si.

Destacamos que, através das experiências advindas dessa aula, o coletivo pôde conhecer o posicionamento, o deslocamento e as ações defensivas e ofensivas que são inerentes a esgrima, conforme os seguintes relatos:

A esgrima é uma luta muito rápida, a gente tem que se deslocar muito para poder se defender e atacar o oponente (ESTUDANTE 03).

Pra mim, a técnica mais difícil da esgrima foi a parada e a resposta, porque a gente tem que defender e atacar ao mesmo tempo, e isso requer muita coordenação do praticante (ESTUDANTE 05).

Uma das características da esgrima mencionada nas aulas diz respeito à relação ataque e defesa intrínseca a sua prática. Logo, entendemos que as ações de ataque e defesa nas lutas são essenciais para que o lutador atinja o seu oponente e, conseqüentemente, não seja atingido. Para Gomes et al. (2010), essas ações podem ocorrer de forma simultânea ou até mesmo fundidas, sendo raro observá-las isoladamente.

Dando sequência, organizamos um festival de esgrima na escola, envolvendo apenas os estudantes que participaram da pesquisa, haja vista que entendemos o festival como "um tempo pedagógico regulado e aberto a diferentes opções, organizadas de tal forma que possibilite trabalhar o princípio da simultaneidade dos conteúdos escolares" (PERNAMBUCO, 2013, p. 32). Ademais, devido ao seu tempo pedagógico ampliado, o festival, além de proporcionar experiências pedagógicas, também pode servir como um momento propício para a avaliação de um determinado conteúdo.

Para a disputa do festival, delimitamos algumas regras no intuito de propiciar uma competição de maneira segura e dinâmica, sendo elas: 1) o oponente só poderia ser atingido na região do tronco; 2) o participante que atingisse o adversário, no rosto, seria eliminado automaticamente da disputa; e 3) venceria a disputa o participante que somasse os primeiros três pontos, ao tocar o adversário com a espada.

Em seguida, com a delimitação dessas regras, informamos que os estudantes também assumiriam outra função durante a realização do festival, que seria a da arbitragem. Desse modo, quando dois participantes estivessem duelando, um terceiro assumiria a função de árbitro a fim de observar as faltas e os pontos marcados (Figura 1).



Figura 1. Exemplo dos estudantes participando do festival de esgrima na escola.

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre os implementos utilizados, solicitamos um recurso financeiro junto à escola para a compra de bexigas infláveis que substituiriam as espadas construídas pelos estudantes anteriormente. Essa ação partiu da percepção de que as espadas, outrora produzidas, já estavam em processo de desgaste, o que as tornava inutilizáveis. No mais, destacamos que as bexigas infláveis se configuram como mais uma alternativa nas aulas de Educação Física para o trato da esgrima, ampliando, assim, as possibilidades do seu ensino.

Durante toda a realização do festival, destacamos que a participação dos estudantes ocorreu de forma efetiva algo que consideramos fundamental, visto que, conforme Melo (2003), esta representa a base da relação pedagógica entre o docente e os discentes no decorrer de todo o processo de ensino-aprendizagem. Ao final, o coletivo proferiu algumas das impressões que obtiveram a respeito do festival:

Esse festival foi muito divertido, a gente lutou esgrima com os nossos colegas e pôde se divertir (ESTUDANTE 01).

Verdade, nesse festival a gente conseguiu colocar em prática as técnicas que aprendemos nas aulas, principalmente, a estocada, a parada e a resposta. E isso tudo foi muito bom (ESTUDANTE 03).

Eu gostei de participar da arbitragem, foi muito legal. A gente tinha que ficar atento pra ver quando a espada tocava na pessoa (ESTUDANTE 07).

Com isso, ficou evidente a unidade de contexto “diversão”, pois, durante a prática da esgrima os estudantes expressaram sentimentos como a alegria, a diversão e o

prazer que se caracterizam como elementos imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem de qualquer conteúdo nas aulas de Educação Física (FIGUEIREDO, 2017).

Outra unidade de contexto identificada diz respeito as “questões de gênero”, visto que em todas as vivências com o conteúdo da esgrima, incluindo o festival, os meninos e as meninas interagiram entre si sem apresentarem qualquer problema ou indisposição relacionados às questões de gênero. Tal consideração se faz relevante porque, historicamente, sempre ocorreram diferenças entre a prática de homens e mulheres na esgrima.

Desde que a FIE instituiu as regras internacionais do esporte, [...] Os homens manejavam e manejam até hoje as três armas, em contrapartida, a prática das mulheres se restringia a apenas uma arma, o florete. No universo da Esgrima, a mulher conquistou a igualdade em relação aos homens na transição do século XX para o século XXI, quando passou a competir em todas as três armas (PAVANI; GRECO; SOUZA, 2014, p. 20).

No contexto da Educação Física, os meninos sempre foram direcionados a atividades que explorassem sua suposta força física, como o futebol, o rúgbi e as lutas, enquanto as meninas eram direcionadas para atividades mais suaves ou que exigissem maior destreza intelectual (SOUZA; ALTMANN, 1999; GOELLNER, 2010). Assim, ao observarmos a participação e a interação dos estudantes de forma coeducativa nas aulas com o conteúdo esgrima, percebemos os avanços para a superação dessa problemática.

Além disso, evidenciamos a unidade de registro “avaliação”, a qual entendemos como sendo parte fundamental de qualquer processo educativo. Em relação ao processo de avaliação das lutas, em especial a esgrima, corroboramos com Rufino e Darido (2012), ao entendermos que esta precisa estar voltada para a identificação das principais dificuldades dos estudantes, a fim de diagnosticar suas deficiências e contribuir para uma melhoria efetiva no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo.

A avaliação do ensino e da aprendizagem das lutas corporais deve primeiramente considerar os motivos e razões de se avaliar. Além disso, o processo de avaliação deve também responder a outras questões como: quando avaliar, o que avaliar, como avaliar, Como avaliar o ensino das lutas corporais etc. A principal premissa a ser considerada é que a avaliação do ensino precisa ser integrada à própria avaliação da aprendizagem dos alunos (RUFINO; DARIDO, 2012, p. 295).

Desse modo, a avaliação do conteúdo aconteceu de forma interativa, ratificando o pensamento de Melo (2003, p. 60), ao afirmar que este tipo de avaliação “é necessária para a descoberta de novos conhecimentos inerentes à vida dos alunos, pois apresenta caminhos, mesmo com limitações, na busca de um novo ensino para as aulas de Educação Física”.

Sendo assim, os estudantes foram avaliados em todas as aulas acerca do que compreenderam em relação ao conteúdo da esgrima, permeando, desde os momentos teórico-práticos, a vivência das técnicas e a vivência do festival.

CONCLUSÃO

As experiências com o ensino da esgrima demonstraram que, apesar da sua pouca popularidade no Brasil, essa luta configura-se como uma prática corporal capaz de estimular diversas competências dos seus praticantes. Durante o processo de ensino-aprendizagem, identificamos contribuições tanto do ponto de vista teórico-metodológico, ao ensinar essa luta, como também da formação dos estudantes, ao possibilitar o desenvolvimento da pesquisa escolar, da construção de materiais, das estratégias e das habilidades motoras.

Além disso, as unidades de contexto e registro também expuseram algumas contribuições para desmistificar determinadas questões inerentes à esgrima como a violência nas lutas e as diferenças de gênero durante a sua prática. Concluímos, assim, que tratar desse conteúdo, nas aulas de Educação Física, corrobora para ampliar o rol de práticas corporais possíveis de serem vivenciadas pelos estudantes, instigando-os na busca por novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os participantes da pesquisa.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.


REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.
- BRASILEIRO, L. T.; MARCASSA, L. P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e dança. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 3, p. 195-207, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/yXyXfFdGysRLBvLVG7rVSHN/abstract?lang=pt>>.
- BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. *Pedagogia do esporte aplicada às lutas*. São Paulo: Phorte, 2010.
- MARTINS, C. J.; KANESHIRO, C. Bujutsu, Budô, esporte de luta. *Motriz*, Rio Claro, v. 16 n. 3 p. 638-48, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/motriz/a/sg8CZhSgZrjKTPfryhK8w8g/abstract?lang=pt>>.
- CARVALHO, J. P. X.; BARCELOS, M.; MARTINS, R. L. D. R. Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a educação física contemporânea. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 7, n. 10, p. 218-37, 2020. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2917/1697>>.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1-9, 2010. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p01>>.
- FERREIRA, H. S. As lutas na educação física escolar. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 135, p. 36-44, 2006. Disponível em: <<https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/428>>.
- FIE. Federação Internacional de Esgrima. *Regras da Esgrima*. 2021. Disponível em: <<https://fie.org/>>. Acessado em: 26 de junho de 2021.
- FIGUEIREDO, M. N. de L. *O lúdico no Programa Segundo Tempo: uma análise da prática pedagógica dos professores de Educação Física da cidade do Recife*. 2017. 187f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2017. Disponível em: <<http://www.ethnosesef.upe.br/dissertacoes/eteses/>>.
- GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, Brasília, v. 1, p. 71-83, 2010. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>>.
- GOMES, M. S. P.; MORATO, M. P.; DUARTE, E.; ALMEIDA, J. J. G. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 207-27, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9743>>.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MELO, M. S. T. *O ensino do jogo na escola: uma abordagem metodológica para a prática pedagógica dos professores de educação física*. Recife: Edupe, 2003.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.
- MOURA, D. L.; JUNIOR, I. A. L. S.; ARAUJO, J. G. E.; SOUSA, C. B.; PARENTE, M. L. C. O ensino de lutas na educação física escolar: uma revisão sistemática da literatura. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 22, p. 1-11, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/51677>>.
- PAVANI, R.; GRECO, A.; SOUZA, M. P. *Guia prático de treinamento funcional para esgrima*. São Paulo: EDIPUCRS, 2014.
- PEREIRA, M. P. V. C.; CIRINO, C.; CORRÊA, A. O.; FARIAS, G. O. Lutas na escola: sistematização do conteúdo por meio da rede de jogos de lutas. *Conexões*, Campinas, v. 15, n. 3, p. 338-48, 2017. DOI: <<https://doi.org/10.20396/conex.v15i3.8648512>>.
- PINHEIRO, E. M.; KAKEHASHI, T. Y.; ANGELO, M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, Cidade, v. 13, n. 5, p. 717-22, 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1590/s0104-11692005000500016>>.
- RIBEIRO, J. C. C.; CAMPOS, F. K. D. História da esgrima, da criação à atualidade. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, v.1, n. 137, p. 65-9, 2007. Disponível em: <<https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/348>>.
- RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 139-54, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2549>>.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200011>>.
- RUFINO, L. G. B. *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem, 2014.
- SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000200002>>.
- SOUZA, E. S. de; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Caderno CEDES*, São Paulo, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM85MZyhYvgb/?lang=pt>>.
- TERLUK, M. G.; RUPPEL DA ROCHA. Metodologias e estratégias pedagógicas para o ensino das lutas, artes marciais e esportes de combate: uma revisão integrativa. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 1, p. 49-54, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.36453/cefe.2021191.a26445>>.


ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Ho Shin Fú (Autor Correspondente)

 <https://orcid.org/0000-0002-5839-0481>

 hoshinfu19@gmail.com

Rafaelle de Araujo Lima e Brito

 <https://orcid.org/0000-0002-7403-492X>

 rafaelle.brito@hotmail.com